



## O GÊNERO, AS ROUPAS E A MORTE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE O DIA DOS MORTOS E A UMBANDA

*Gender, Clothes and Death: Possible dialogues between Día de Muertos and Umbanda*

Silva, Ana Beatriz Fernandes Lima; Mestranda;  
Universidade Federal de Juiz de Fora,  
beatrizflimas@gmail.com<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade investigar o tratamento dado à questão do gênero, o uso ritual das roupas e as perspectivas sobre morte/vida em duas manifestações culturais (e religiosas, cada qual a sua maneira): o Dia dos mortos no México e a religião de Umbanda no Brasil.

**Palavras-chave:** Gênero; Morte; Uso das roupas.

**Abstract:** The purpose of this article is investigate the treatment of the gender issue, the ritual use of clothes and the perspectives about death/life in two cultural manifestations (and religious, each one in its own way): Día de Muertos in Mexico and Umbanda in Brazil.

**Keywords:** Gender; Death; Use of clothes.

### Introdução

Estudar as roupas é estudar sobre a vida humana, sobre os processos culturais, sociais, históricos, econômicos e artísticos que compõem as relações entre os indivíduos, e conseqüentemente é estudar também sobre a morte e suas possibilidades. Sendo assim, nos ocupamos em investigar de maneira bastante inicial – visto que esse tipo de proposição ainda é muito pouco explorado no âmbito acadêmico – a questão do gênero, das roupas e da morte aplicada a duas manifestações culturais (e

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens, na linha de pesquisa Arte, Moda: História e Cultura, na Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista CAPES (2018-2020). Bacharela em Moda (UFJF-2017). Bacharela em Artes e Design (UFJF-2016).



religiosas, cada qual a sua maneira): a celebração do Dia dos mortos no México e a religião de Umbanda no Brasil.

A Umbanda foi criada no Brasil, no início do século XX e segue o pensamento sincrético que une o catolicismo, o candomblé, o espiritismo kardecista e práticas mágicas e esotéricas das mais diversas origens, conjugando em seu ritual os orixás africanos, os santos católicos e espíritos trabalhadores que remetem aos tipos nacionais e grupos subjugados durante a formação do país, como é o caso dos negros escravizados, indígenas, boiadeiros, baianos, etc (BARROS, 2006, p.11).

Já o Dia dos mortos ou Día de muertos, é uma data comemorada no México, no início de novembro, por ocasião do dia de todos os santos e do dia de finados. A festa reúne a influência espanhola e católica com as práticas culturais nativas da região, e se configura como um momento de sociabilidade (PAZ, 2006, p. 2), principalmente para as pessoas das classes populares e que vivem em pequenas cidades, não tendo muitas alternativas de entretenimento durante o resto do ano.

Além das semelhanças encontradas a partir da origem ritual eclética de ambas as manifestações, e do culto aos mortos, importa frizar o caráter de resistência desses ritos frente a um mundo globalizado onde a morte é esvaziada de sentidos e valores e “*en casi todos los casos es, simplemente, el fin inevitable de un proceso natural. Em um mundo de hechos, la muerte es un hecho más*”<sup>2</sup> (PAZ, 2006, p. 9).

Para Philippe Ariès (1977; 2012), essa interação entre mortos e vivos é presente de maneira mais visível nas tradições populares, segundo ele “em vias de desaparecimento”, visto que o tratamento dado ao tema na maioria das sociedades ocidentais contemporâneas é de interdição e de certa medicalização e higienização tanto do moribundo quanto do momento da passagem, bem como uma supervalorização da vida, e principalmente de uma felicidade aparente por se estar vivo, que não comporta a emoção excessiva do luto (p.85 e 86).

---

2 Tradução livre: “Em quase todos os casos é, simplesmente, o fim inevitável de um processo natural. Em um mundo de feitos, a morte é um feito mais”.



A partir da disciplina Tópicos em Artes, Cultura e Linguagens V – A morte e o morrer no Ocidente: Narrativas, imagens e práticas culturais, ministrada pela professora Juliana Schmitt, no Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens, na Universidade Federal de Juiz de Fora, em abril de 2019, o Día de muertos com suas práticas e particularidades nos foi apresentado e então puderam-se notar alguns pontos interessantes para a investigação como, por exemplo, o papel das roupas enquanto objetos ritualísticos/cenográficos/afetivos que comunicam a história de vida dos indivíduos e a cultura de um povo.

Baseando-me em minha prática religiosa na Umbanda e nos meus estudos sobre o tema, tracei então alguns paralelos entre o assunto abordado em aula e a minha vivência e constatei que ambas as manifestações seriam apropriadas para trabalhar sobre o tema da morte e suas implicações na sociedade, em especial no que tange ao gênero e às roupas. Sendo assim, em primeiro lugar, observei a forte influência da mistura cultural de indígenas, negros e colonizadores europeus nesses ritos, o que já poderia indicar uma variedade de interpretações sobre o feminino e o masculino no âmbito vida-morte. Outros tópicos que mostraram-se enquanto caminhos possíveis foram pensar o papel das roupas e dos objetos “cenográficos” nas duas manifestações enquanto marcadores de gênero e consequentemente definidores da ação tanto dos mortos, quanto do tratamento dado à eles pelos vivos. E por fim, algo que ainda me parece bastante distante de se definir por completo, que é buscar os significados do uso das cores rosa e azul para representar as crianças em ambos os rituais, definindo-as em grupos com gostos bastante específicos.

Por último, alia-se a estes fatos o desejo de trabalhar, no nível acadêmico, questões sociológicas e históricas do uso das roupas a partir de práticas que aliam os saberes populares e questões marginais.



Figura 1: Médiuns em um Terreiro de Umbanda. Os uniformes se configuram como marcadores do gênero desses indivíduos e das entidades espirituais com as quais eles trabalham ao mesmo tempo em que promovem a igualdade e evitam o destaque inapropriado.



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=x\\_IKxKkeFHs](https://www.youtube.com/watch?v=x_IKxKkeFHs). Acesso em: 01 jun. 2019.

Figura 2: As roupas, assim como outros itens pessoais, os alimentos, as velas e flores de cempasúchil, fazem parte das oferendas presentes nos altares do Día de Muertos. A imagem em questão é uma homenagem à artista mexicana Frida Kahlo apresentada em seu museu em 2018, com curadoria de Patricia Jiménez.



Fonte: <https://889noticias.mx/noticia/frida-kahlo-ya-tiene-su-altar-de-muertos/>. Acesso em: 01 jun. 2019.



## **Alguns apontamentos sobre as questões de gênero na vida e na morte**

Segundo Judith Butler (1988; 2018), o gênero seria um ato performático que se baseia na cultura, nos valores e na história de uma sociedade. Assim sendo, podemos inferir que as roupas teriam a função de marcar o gênero, sendo capazes de comunicar aquilo que se acredita ser indicativo do sexo biológico, como a função social de determinado indivíduo, seus gostos, comportamentos e visão de mundo, e neste caso específico, isso se mostra presente mesmo no contexto pós-morte. Nossa intenção é então, investigar pelo viés de duas manifestações religiosas e culturais que tem sua intersecção no tema da morte, indícios que nos permitam pensar sobre a transposição dessas “atuações” do gênero, mesmo fora da materialidade da vida.

Ainda que as mulheres contemporâneas tenham desintensificado o uso de saias em nome da modernidade e do avanço na discussão de seus direitos enquanto cidadãs, é evidente o uso de tal peça enquanto representativa do feminino e marca deste nos espaços ritualísticos. Na Umbanda, por exemplo, é comum que os espíritos “femininos” de certas linhas de trabalho, como é o caso das pretas velhas, ciganas e baianas, utilizem as saias em referência a sua identidade baseada em fatos históricos e como meio de demarcar a diferença daqueles espíritos lidos como “masculinos”. No caso mexicano, é interessante notar a presença da saia como item primordial para a composição dos trajes femininos durante a festa, e não apenas naqueles que se inspiram nas roupas tradicionais, mas também nas mais modernas inspiradas pela cultura pop. É curioso notar ainda que a saia, junto ao sombreiro, tradicional chapéu mexicano, veste a caveira símbolo da festa, desde sua primeira aparição, e que isso é mantido até os dias atuais como pode-se observar a partir da La Catrína e de seu oposto masculino, o Catrín, que utiliza calças e camisa formal.

Nosso intuito aqui, não é, entretanto, criticar e atribuir valor ao uso de vestuário que caracterize os indivíduos enquanto constituintes de determinado gênero, mas indicar novas perspectivas sobre tal assunto. Entendemos que tais manifestações, apesar de



refletirem muitas das crenças sociais e terem um lugar histórico determinado, servem para quebrar dicotomias impostas há tempos. O dia dos mortos se apresenta atualmente enquanto símbolo da cultura mexicana e meio de conservação e valorização de suas tradições, e a umbanda por sua vez, mostra-se, ainda hoje (ou talvez, principalmente hoje), em oposição aos cultos dominantes, como espaço de cuidado e acolhimento dos tipos brasileiros historicamente marginalizados.

A morte, tanto no Día de Muertos (PAZ, 2006), quanto na Umbanda (PAGLIUSO e BAIRRÃO, 2010) pode ser entendida enquanto uma passagem, e não necessariamente uma ruptura total com a vida. Sendo assim, podemos supor que exista uma transposição dos códigos de comportamento e dos sentidos sociais na experiência além-vida.

Evidencia-se também, a existência dessas práticas culturais “marginais” enquanto espaços de interação significativos no nível social, principalmente se observarmos da perspectiva de que esta é uma tentativa de manutenção e até mesmo restituição de vínculos familiares e sociais em meio a uma sociedade onde a individualidade ganha a cada dia mais ênfase. Em relação ao trato com a morte, o fato de existir uma preocupação com o coletivo, influencia diretamente na visão sobre o assunto, ponto central do diálogo e das práticas, em oposição ao tratamento dado pelo restante da sociedade, que se mostra em um movimento de ocultação e negação da morte, que Ariès define como a “morte interdita”, aquela tratada como tabu. Segundo o autor, embasado pela leitura de Geoffrey Gorer “[...] o recalque da dor, a interdição de sua manifestação pública e a obrigação de sofrer só e às escondidas agravam o traumatismo devido à perda de um ente querido.” (p.88)

Ambas as manifestações, se observadas em um plano macro, estão empenhadas no trato com aquilo que já morreu, não apenas no sentido literal, mas no sentido de abarcar no presente lições de um passado que ainda tem muito a ensinar. A coexistência entre vivos e mortos é, segundo Ariès, um fenômeno recente, já que se manteve obscuro desde o fim do século XVIII, devido ao receio dos antigos, de que os “defuntos



*voltassem* para perturbar os vivos” (p.41). Sobre esses ensinamentos, podemos pensar então, que a caracterização se constitui como mais uma forma de materializar a história de vida desses mortos e a partir delas, receber mensagens e perceber sentidos em nossas próprias vidas. A utilização de indumentária e outros artefatos ritualísticos/cênicos na Umbanda, e o costume de apresentar objetos pessoais, tais como as roupas, nos altares aos mortos no México é representativo no que condiz com as experiências vividas por aquele “espírito” e qual foi (e continua sendo) a sua função social.

Sobre isso, as considerações de Schmitt (2009) sobre a relação entre as roupas, a afetividade e a representação daquilo que não está mais vivo, a partir do livro “O casaco de Marx: roupas, memória, dor”, de Peter Stallybrass, são bastante oportunas. Segundo a autora, as roupas

[...] além de representarem a presença física e rememorarem, a todo instante, a ausência de quem partiu, denotam também suas escolhas pessoais, seus gostos e opiniões: são verdadeiras relíquias. Aprendemos a amar, portanto, suas cores desbotadas, cortes démodé, as pequenas marcas, golas alargadas, manchas e puídos que se tornam os resquícios, os rastros de uma trajetória terrena. (p.2)

Apesar da utilização das roupas para a diferenciação dos indivíduos, Reis (2017) discorre sobre a questão dos uniformes, formados por camiseta e calça, utilizados pelos médiuns nos terreiros de Umbanda como forma de igualar todos os trabalhadores, e barrar suposições e valorações que não condizem com o ritual. Sendo assim, mesmo sendo uma prática comum, só é possível a utilização de artefatos “extras” que incluem saias, lenços, cocares, jóias, bonés ou laços, quando solicitado pela entidade/espírito. Tal pedido de caracterização auxiliaria, portanto ao consulente assimilar visualmente alguns pontos da história de vida daquele espírito, além da possibilidade de utilização magística desses elementos.

Situação semelhante pode ser observada no Día de Muertos, onde algumas famílias disponibilizam peças de roupas e outros itens afetivos nos altares como forma de convidar aqueles mortos à se fazerem presentes ou mesmo como um agrado de boas-vindas naquele momento de comunhão.



As mulheres, assim como homens, velhos e crianças são apenas mais uma parte representada nos cultos aos mortos, e para tanto, o vestuário serve para localizar esses corpos (os que utilizam para incorporação ou aqueles à que remetem) em um conjunto de significados que são historicamente atribuídos a estes grupos sociais. As roupas, nestes casos, teriam função semelhante à de uma segunda pele, ou máscara, que permitiria ao “ator” assumir seu personagem (CIDREIRA, 2005).

Figura 3: Casal vestido com trajes que fazem menção à figura da La Catrína e Catrín. O costume de se “fantasiar” de caveiras/mortos é comum durante o período da festa popular.



Fonte: <<https://mundo.sputniknews.com/cultura/201711011073666043-muertos-mexico-fieta-celebracion/>>. Último acesso em: 01/06/2019.



Figura 4: A presença das roupas nos altares como forma de convidar e dar boas vindas aos mortos no dia destinado à eles.



Fonte: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/dia-de-los-muertos-mexico/>. Acesso em: 01 jun. 2019.

Figura 5: Médiuns Umbandistas em um trabalho com a linha dos Pretos-Velhos. A utilização da indumentária e de acessórios como chapéus, bengalas e lenços é comum e faz referência a história de vida daqueles espíritos, bem como função no ritual e gênero ao qual se “identifica”.



Fonte: <http://www.girasdeumbanda.com.br/entidades/pretos-velhos/>. Acesso em: 01 jun. 2019



## Considerações Parciais

O desenvolvimento deste artigo se caracteriza como um primeiro passo para analisar o uso das roupas, não somente pelo viés do gênero, mas em toda a sua complexidade e variedade de sentidos e objetivos, no interior das manifestações rituais que se encontram distanciadas da cultura dominante. Para tal, buscaram-se investigar mais profundamente os pontos de intersecção entre as duas manifestações e o potencial do tema para o debate de caráter sociológico e histórico sobre a morte.

A transposição das normas de comportamento social que se impõe sobre os indivíduos para o corpo “morto” e a utilização das vestimentas como forma de reforçar esse lugar de existência dentro da sociedade se mostrou como algo interessante de ser observado, e com potencial de abarcar ainda outras áreas do conhecimento, como a semiótica, o consumo, a psicologia, etc.

Por fim, as limitações para tal abordagem se constituem no sentido da pouca quantidade de materiais sobre o assunto, principalmente no que tange às investigações sobre o uso das roupas nas manifestações citadas. Entretanto, tal entrave serve também como um convite para que essas questões sejam mais exploradas abordando assuntos como, por exemplo, a presença de produtos de beleza nas oferendas para os mortos, o uso das cores nas roupas, o uso dos bordados, a influência das culturas tradicionais na estética dos trajes e a utilização dos itens do vestuário para ensinar lições aos vivos.

## Referências

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARROS, Cristiane Amaral de. **Iemanjá e Pomba-Gira: Imagens do feminino na Umbanda**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2006. Disponível em:





<<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/3261/1/cristianedoamaraldebarros.pdf>>.

Acesso em: 04 mai. 2019.

BOZAL, Ana Guil. **El papel de los arquetipos en los actuales estereotipos sobre la mujer.** *Revista Comunicar.* Vol 11. 1998. P. 95-100. Disponível em: <<http://rabida.uhu.es/dspace/bitstream/handle/10272/837/b11332694.pdf?sequence=1>>.

Acesso em: 05 mai. 2019.

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista.** Chão da Feira - caderno n.78. 1988; 2018. Disponível em: <[https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno\\_de\\_leituras\\_n.78-final.pdf](https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf)>. Acesso em: 25 mai. 2019.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura.** São Paulo: Annablume, 2005.

MACEDO, Alice Costa. **O Reverente Irreverente: a espirituosidade em rituais de Umbanda.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2011. Disponível em: <[https://www.ffclrp.usp.br/imagens\\_defesas/17\\_08\\_2011\\_\\_14\\_36\\_08\\_\\_61.pdf](https://www.ffclrp.usp.br/imagens_defesas/17_08_2011__14_36_08__61.pdf)>.

Acesso em: 04 mai. 2019.

PAGLIUSO, Ligia; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. **Luz no caminho: Corpo, gesto e ato na Umbanda.** *Revista Afro-Ásia* - Universidade Federal da Bahia. Nº 42. 2010. P. 195-225. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/viewFile/21213/13798>>. Acesso em: 05 mai. 2019.



PAZ, Octavio. **Todos Santos, Día de muertos.** Agenda Cultural - Universidad de Antioquia. N° 127. Noviembre, 2006. Disponível em: <<https://aprendeonline.udea.edu.co/revistas/index.php/almamater/article/viewFile/15948/13827>>. Acesso em: 05 mai. 2019.

REIS, Sérgio Martins dos. **Universo Umbandista: Umbanda tem fundamento, é preciso preparar.** Joinville: Clube dos Autores, 2017.

RODRÍGUEZ, Patricia Beatriz Denis; MÉNDEZ, Andrés Hermida Moreno Javier Huesca. **El altar de muertos: origen y significado en México.** Revista de Divulgación Científica y Tecnológica de la Universidad Veracruzana. Vol. XXV. N° 1. Enero-Abril 2012. Disponível em: <<http://www.seg.guanajuato.gob.mx/Ceducativa/CDocumental/Doctos/2013/Octubre/El%20altar%20de%20muertos.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2019.

SCHMITT, Juliana Luiza de Melo. **Instâncias Subjetivas das roupas: Quando o vestuário canta histórias.** IARA- Revista de Moda, Cultura e Arte. São Paulo – Vol.2. N°2. 2009. Disponível em: < [http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/12\\_IARA\\_vol2\\_n2\\_Resenha.pdf](http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/12_IARA_vol2_n2_Resenha.pdf)>. Acesso em: 25 mai. 2019.

A umbanda incorpora, possibilita, cultua e divulga duas imagens de feminino absolutamente contrastantes e específicas. Uma religião múltipla que evidencia também múltiplas formas de compreender, conviver e abordar uma dimensão tão humana, e por isso, tão complexa como é a sexualidade, especificamente a sexualidade feminina. (p.2 BARROS)